

O crime perfeito

Se não houvesse as aparências, o mundo seria um crime perfeito, quer dizer, sem criminoso, sem vítima e sem móbil. Um mundo do qual a verdade se teria retirado para sempre, e cujo segredo não seria nunca desvendado, por falta de marcas.

Mas, justamente, o crime nunca é perfeito, porque o mundo se trai pelas aparências, que são as marcas da sua inexistência, as marcas da continuidade do nada. Porque o próprio nada, a continuidade do nada, deixa marcas. E é assim que o mundo trai o seu segredo. É assim que ele se deixa pressentir, ao mesmo tempo que se oculta sob as aparências.

Também o artista está sempre próximo do crime perfeito, que é o de não dizer nada. Mas separa-se dele, e a sua obra é a marca desta imperfeição criminosa. O artista é, segundo Michaux, aquele que resiste com todas as suas forças à pulsão fundamental de não deixar marcas.

A perfeição do crime reside no facto de se ter sempre já realizado — *perfectum*. Desvio em relação ao mundo tal como ele é, ainda antes que este se produza. Ele não será por conseguinte nunca descoberto. Não haverá Juízo Final para o

punir ou para o absolver. Não haverá fim porque as coisas já ocorreram desde sempre. Nem resolução nem absolvição, mas o desenrolar inelutável das consequências. Precessão do crime original — de que encontraríamos talvez a forma irrisória na precessão actual dos simulacros? O nosso destino em seguida é a realização deste crime, o seu desenrolar implacável, a continuidade do mal, a continuação do nada. Dele nunca viveremos a cena primitiva, mas vivemos a todo o momento a sua prossecução e expiação. Isso não tem fim, e as consequências que traz são incalculáveis.

Tal como os segundos iniciais do Big Bang são insondáveis, os poucos segundos do crime original são inassinaláveis. Crime fóssil, portanto, como os ruídos fósseis dispersos no universo. E é a energia deste crime, como a da explosão inicial, que se vai distribuir através do mundo, até ao seu esgotamento eventual.

Tal é a visão mítica do crime original, a da alteração do mundo no jogo da sedução e das aparências, e da sua ilusão definitiva.

Tal é a forma do segredo.

A grande questão filosófica era: “Porque é que há alguma coisa em vez de nada?” Hoje, a verdadeira questão é: “Porque é que há nada em vez de alguma coisa?”

A ausência das coisas a si próprias, o facto de não terem lugar tendo ar disso, o facto de tudo se retirar sob a sua própria aparência e não ser nunca idêntico a si mesmo: tal é a ilusão material do mundo. E este continua a ser, no fundo, o grande enigma, aquele que nos mergulha no terror e de que nos protegemos pela ilusão formal da verdade.

Sob pena de terror, devemos decifrar o mundo, e portanto aniquilar a ilusão inicial. Não suportamos nem o vazio, nem o segredo, nem a aparência pura. E porque deveríamos nós

decifrá-lo em vez de deixar irradiar a sua ilusão como tal, em todo o seu fausto? Pois bem, também isso é um enigma, faz parte do enigma que não possamos suportar-lhe o carácter enigmático. Faz parte do mundo que não possamos suportar-lhe a ilusão nem a aparência pura. Não suportaríamos melhor, se ela existisse, a verdade radical e a transparência.

A verdade, essa quer dar-se nua. Procura nudez desesperadamente, como Madonna no filme que a tornou célebre. Tal *strip-tease* sem esperança é o da própria realidade, que se “subtrai” ao sentido literal, oferecendo ao olhar dos *voyeurs* crédulos a aparência da nudez. Mas justamente, esta nudez envolve-a de uma película segunda, que não tem sequer o fascínio erótico da roupa. Não há sequer já necessidade de celibatários para a pôr a nu, dado que ela renunciou por si própria ao *trompe-l’oeil*, em favor do *strip-tease*.

Aliás, a principal objecção à realidade é o seu carácter de submissão incondicional a todas as hipóteses que se podem colocar sobre ela. É assim que ela desencoraja os espíritos mais vivos, pelo seu conformismo mais miserável. Podem submetê-la, a ela e ao seu princípio (que fazem eles em conjunto senão copular grosseiramente e engendrar inúmeras evidências?), às sevícias mais cruéis, às provocações mais obscenas, às insinuações mais paradoxais, ela curva-se a tudo com um servilismo inexorável. A realidade é uma cadela. Além do mais, o que é que isso tem de surpreendente, se ela nasceu da fornicação da asneira com o espírito de cálculo? — resíduo da ilusão sagrada entregue aos chacais da ciência?

Para reencontrar a marca do nada, do inacabamento, da imperfeição do crime, é preciso portanto suprimir a realidade do mundo. Para reencontrar a constelação do segredo, é preciso suprimir a acumulação de realidade e de linguagem. É preciso suprimir uma a uma as palavras da linguagem, supri-

mir uma a uma as coisas da realidade, subtrair o mesmo ao mesmo. É preciso que, sob cada fragmento de realidade, qualquer coisa tenha desaparecido, para assegurar a continuidade do nada — sem todavia ceder à tentação do aniquilamento, porque é preciso que a desapareição permaneça viva, que a marca do crime permaneça viva.

O que desaprendemos da modernidade, onde sem cessar acumulamos, adicionamos, cobrimos o lanço, é que a subtracção é que dá a força, que da ausência nasce o poder. E, por não sermos já capazes de defrontar a superioridade simbólica da ausência, estamos hoje mergulhados na ilusão inversa, desencantada, a da proliferação dos ecrãs e das imagens.

Ora, a imagem já não pode imaginar o real, visto que o é. Já não pode sonhá-lo, visto que é ela a sua realidade virtual. É como se as coisas tivessem devorado o seu espelho e se tivessem tornado transparentes a si próprias, inteiramente presentes a si próprias, em plena luz, em tempo real, numa transcrição implacável. Em vez de se ausentarem de si próprias na ilusão, são forçadas a inscreverem-se nos milhares de ecrãs de cujo horizonte desapareceu não só o real mas a imagem. A realidade foi expulsa da realidade. Talvez só a tecnologia religue ainda os fragmentos dispersos do real. Mas para onde foi a constelação do sentido?

O único “suspense” que resta é o de saber até onde o mundo se pode desrealizar antes de sucumbir ao seu demasiado pouco de realidade, ou inversamente, até onde ele se pode hiper-realizar antes de sucumbir sob o excesso de realidade (isto é, quando, tornado perfeitamente real, tornado mais real que o real, ele sucumbir à simulação total).

Todavia, não é certo que a constelação do segredo seja aniquilada pela transparência do universo virtual, nem que o po-

der da ilusão seja varrido pela operação técnica do mundo. Sob todas as técnicas se pode pressentir uma espécie de afecção absoluta e de jogo duplo — a sua própria exorbitância fazendo delas um jogo de transparição do mundo sob a ilusão de o transformar. Será a técnica a alternativa mortífera à ilusão do mundo, ou não será ela senão um avatar gigantesco da mesma ilusão fundamental, a sua última e subtil peripécia, a última hipótese?

Através da técnica é talvez o mundo que troca de nós, o objecto que nos seduz pela ilusão do poder que temos sobre ele. Hipótese vertiginosa: a racionalidade, culminando na virtualidade técnica, seria o último dos ardis da desrazão, dessa vontade de ilusão, cuja vontade de verdade não é, segundo Nietzsche, senão um desvio e um avatar.

No horizonte da simulação, não só o mundo desapareceu, mas a própria questão da sua existência já não pode ser colocada. Mas isso é talvez um ardil do próprio mundo. Os iconólatras de Bizâncio eram pessoas subtis que pretendiam representar Deus para sua maior glória, mas que, simulando Deus nas imagens, dissimulavam desse modo o problema da sua existência. Sob cada uma delas, de facto, Deus tinha desaparecido. Não tinha morrido, tinha desaparecido. Quer dizer que o problema já nem sequer se punha. Era resolvido pela simulação. Assim fazemos nós quanto ao problema da verdade ou da realidade deste mundo: resolvemo-lo pela simulação técnica e pela profusão de imagens onde não há nada para ver.

Mas não é a estratégia de Deus ele próprio aproveitar-se das imagens para desaparecer, obedecendo à pulsão de não deixar marcas?

Assim se realizou a profecia: vivemos num mundo em que a função mais elevada do signo é a de fazer desaparecer a realidade e mascarar ao mesmo tempo essa desapareição. A